

ALORTIGA

Crítica e Humorismo : Artes e Literatura : Desporto : Etc.

1.º Ano N.º 2

Guimarães, 29 de Novembro de 1925

Director e Editor:
Salvador Dantas.

Colaborador artístico: Domingos Dantas.

: Publicação quinzenal :

Comp. e imp. na Tipografia Minerva Vimaranesse.

Comentários

Foi permitida a exportação do gado suíno «e dos produtos dêle derivados», mas «enquanto o seu preço nos mercados nacionais não se torne exagerado». Não temos altura para falar com Ministros, agradeceríamos muito por isso a quem nos elucidasse o que entenderão os das Finanças e Agricultura, armados em varejadores do porco nacional para além das fronteiras, como «preço exagerado», ou, mais chãmente, qual o rendimento médio que é preciso usufruir para um cidadão ter o direito de comer uma rojoadazinha.

Uma frase de Mussolini: «Estou pronto a estender um ramo de oliveira aos meus adversários políticos, mas advirto-os de que, se as folhas desta árvore são pequenas e moles, a madeira é dura e resistente.» A eloquência do tribuno não tem retórica, mas a força sugestiva é brilhante de um homem inteligente, que viveu rudemente e se fez e elevou com singular energia. Pode vivamente contestar-se a sua obra, e nós detestamos tôdas as ditaduras, admire-se a sua coragem física, intellectual e moral.

O Dr. Augusto Casimiro Alves Monteiro, actual *Ministro da Justiça*, era Juiz do Supremo Tribunal Administrativo quando estes caíram extintos por um decreto com força de lei de Janeiro ou Fevereiro de 1924. Tendo recorrido, contra a doutrina do citado decreto, para o Supremo Tribunal de Justiça, foi indeferido o recurso. Elevado a Ministro, reconduz, por um decreto ordinário (a 15 de Novembro passado), às suas funções o Supremo Tribunal Administrativo, colocando-se meticulosamente a si próprio Ministro no antigo lugar de que fôra exonerado. Se tudo isto é já, pelo menos moralmente, muito feio (perdoa, ó fealdade, que muitas virtudes ocultas!), vem agravado ainda por este *fenomenal considerando*, que o Senhor — *Ministro da Justiça* —, querendo justificar

A ÚLTIMA HORA

No gabinete do nosso repórter Onileva foi recebido o seguinte sem fios às 3 horas e 25 segundos da manhã:

«Onileva», previne público vimaranense intermédio «Ortiga» entrada triunfal majestoso «Pinheiro» 21 horas. Cortejo piramidal. Este ano festas deslumbrantes. — Xico.

Sinais dos tempos...

No leilão, há tempos realizado em Lisboa, da livraria do dr. Santos Mota, levada à praça pelo livreiro Tavares, daquela cidade, atingiram algumas obras de Camões a insignificante soma de Escudos 28.630!!

O grande épico, que morreu de *diet*, se cá voltasse, e a tal assistisse, cremos que até, de espanto, *arregalaria* o olho cego... (ou fecharia o outro, também, só para não vê...).

Sinais dos tempos...

a proeza, atira à honrada face da nossa *Magistratura Judicial*: «Considerando que a administração pública se vê freqüentemente embaraçada pela subordinação dos seus actos ao *critério variado e sempre incerto, por falta de uniformidade, das deliberações dos tribunais judiciais*, consequência do funcionamento destes tribunais (!)»... Vergonha!

Contam os jornais que um pequeno empregado austriaco, morador em Viena, Camilo Castiglioni, arranhou, com aquela muito nossa conhecida audácia, ainda hoje apelidada de génio comercial, no *depois da guerra*, uma fortuna de milhares, enquanto um outro seu conterrâneo, professor eminente e sábio ilustre, morria de fome, ouvindo retorquir sarcásticamente às suas queixas que não tinha *modo de vida útil*. Castiglioni viveu, então, no maior fausto. De repente uma especulação desastrada, a revira-volta, deixou-o sem vintém. E Castiglioni fugiu.

Ah! quantos Castiglioni não estão fazendo as malas!

PST'ANA JÚNIOR.

O «Pinheiro»

A pedido de vários bicos e bicas publicamos a seguir o relato dêste *tocante e bombástico* cortejo académico:

Hoje, ao romper do dia, a cidade acordará estremunhada pelo estâmpido formidável de uma girândola... de bichas de rabusco. (Só ouvirão o estrondo aqueles que estiverem na graça da «Ortiga»; isto é, todos os que tiverem cumprido com a sua obrigação, assinando o nosso jornal e pagando a sua assinatura adiantadamente, e sem re-filar)...

Pouco a pouco ver-se-há algum povo pelas ruas, outro pelas *ingreijas*, outro em casa ainda a ferrar o galho, outro a comprar e a vender, na praça do mercado, etc., etc., etc. e tal...

Pela tardinha, alguns estudantes percorrerão as ruas do burgo, todos contentinhos e sem lhes caber uma *fajeca*, a bater em caixas e a bater em bombos, rijamente, numa grande reinação. E haverá Maneis e Manelas a olhar para aquilo tudo, espantados, com os olhos abertos como a Porta da Vila, como se nunca tiveram visto...

A' noite, mais ou menos pelas horas do costume, virá, mais ou menos do sítio do costume, um pinheiro, do tamanho mais ou menos do costume, num carro que será puxado pelas juntas de bois mais ou menos do costume; e seguirá o itinerário do costume, até ao local do costume, onde será prantado ao alto, como de costume. (Quem não souber o que é do costume, é... como quem não vê: mas em chegando logo à noite já fica a saber tudo — se quiser —, nem que seja tapado como um calhau e mais burro do que um juumento). A' frente do pinheiro irão, como do costume, algumas caixas e bombos (êste ano espera-se que o número de tocadores cresça... a metade com outros tantos); e atrás levará a música, atacando a sinfonia do costume. Etc. etc., etc. Haverá bastantes senhoras pelas janelas dos prédios; e, pela rua fora, muita gente a andar com os pés, e vários basbaques parados a ver (isto, está claro, sem *ôfensa*, e não des-

Tragédia.

Meia-noite. A praça está deserta. No céu, a lua, por entre nùvens, joga o «esconde-esconde». Da trapeira de um telhado, um par gentil, de gentis bichanos (*êle e ela*), surge, ronronando-se amáveis...

O vento, que corre ríspido, traz a nossos ouvidos os acordes de uma serenata ao longe, que alguém acompanhava cantando em voz apaixonada certa canção estranha...

No telhado, desenrola-se, agora, um *corps-à-corps* violento, que nos emociona pela impetuosidade com que um ao outro se cingem..., no excesso de uma paixão ardente...

Agora, o epílogo, o armistício, — que um *óscolo* quente e prolongado, sela...

A lua desaparece, no céu de chumbo. A eléctrica apaga-se. E, nas trevas da noite, ouve-se o baque simultâneo de dois corpos no solo...

Óscolo fatal!...

Ao longe, vem rodando leve um carro na calçada... Deve ser a ambulância... da *cruz-vermelha*... Vamos ao seu encontro...

O 1 da ronda.

Proezas... nocturnas

Na noite de ante-onde, uns malandrins quaisquer entretiveram-se a *escarrar* nas portas da casa Oliveira & Silva, Sucessores.

Aquilo, era só agarrá-los pelo gaseganete e afocinhá-los bem afocinhados naquele *estrugido*...

fazendo em quem está presente; nós também lá estaremos).

Depois da chegada do *bicho*, que virá como um cadáver morto estendido ao comprido, será servida aos lavradores uma *ração* de *bróia*, figos (não confundir este termo), e não sabemos que mais. Os bozinhos mascarão em seco... a fresquinha, o taró, o basqueiro; e os donos *engavetearão* para o saco, como uns alarves. E' esta uma função muito interessante: tam interessante, tam interessante, tam interessante, que até há criaturas que morrem de pismo a presença-la.

Nesta noite também é costume aparecerem bastantes palermas, que agarram na maçaneta e se fazem passar por académicos: por isso recomendamos cuidado com as falsificações... Depois, às tantas da madrugada, terão lugar as clássicas *vôvedeiras*... (cada uma, de tremer céu, terra e mar)... E assim terminará a chegada triunfal do «pinheiro».

Persis : minhotos

Vi-A numa noite romântica de Agosto, na alameda de certo jardim minúsculo, onde muitas rosas estranhas floriam sob a claridade reverberante das iluminações venezianas...

Ao fundo, a mancha escura de uma serra érema, laçada de uns farrapos de névoa vagabunda...

No alto a lua, como perdida magnólia a boiar nas ondas cerúleas de um imenso lago, derramava nos longes esfumados da paisagem, uma poeira fluidica e luminosa, poeira de diamantes líquidos, que mãos invisíveis entornavam prodigamente sobre a Terra adormecida.

Despertada pelos sons voluptuosos de uma ária andaluza, a brisa ensaiava nas folhas dormentes fantásticos bailados...

E a Vida, embriagada de fausto e de regalo, na florescência da seiva criadora, passava, como núvem sem rumo, em frémilos de sonho e de glória...

Foi então que eu A vi, formosa como a bíblica Sulamite, imaculada e meiga como a Espósa dos Cantares...

Modelaram-na ao sabor de uma fantasia ultra humana, esculpturaram-na ao ritmo de uma sinfonia eólica...

E as mãos, saíram dois lírios rosados, duas metades simétricas de ânfora hebreia, por onde apetece sorver a hauslos lentos o néctar saborosíssimo dos beijos...

Semelhante os olhos dois carbúnculos relampagueantes, são como duas estrelas de primeira grandeza arrancadas às constelações do céu!

Naquela deslumbradora beleza, naquele esplendor de graça infinita, Ela passou, modesta e recatada, como a violeta que riceja entre cardos hostis, à margem dos caminhos...

Ester? Beatriz? Raquel?

Não sei. O brilho intenso dos seus olhos negros e profundos, o ondeado formosíssimo dos seus cabelos escuros, o perfil aristocrático do seu rosto moreno, a flor sangrenta dos seus lábios purpúreos, o alabastro florido das suas mãos eburneas, o talhe escultural do seu corpo helenico, o ritmo embalador do seu andar de fada, eis o que me ficou desse estonteamento de maravilha, dessa visão fascinadora, que baila ainda nas horas nocturnas do meu tédio amargo, ante a pupila ennevoada e triste de meus olhos sonâmbulos...

SÍLVIO CLARO.

Por absoluta falta de espaço ficam, para ser publicados no próximo número, vários escritos interessantíssimos, da crítica e desporto.

Bem feito!...

Tivemos algumas devoluções da parte de cavalheiros, a quem por lapso (só por lapso, creiam!) enviamos o 1.º número do nosso jornal.

Se estes senhores soubessem o quanto perderam, decerto tal não fariam: era intenção nossa, logo que se completasse o 1.º trimestre, oferecermos-lhes um *brinde*, no valor aproximado de cinco escudos...

Também agora, nem que tornassem a tornar, já não *abicham* nada...

Bem feito!...

Da Terra das tripas

Por princípio...

Caros leitores:

A minha pena humilde, entre as mais humildes, talvez, porque eu a tivesse esquecido no fundo carunchoso duma gaveta, revoltou-se e ergueu a cauda triunfal, dizendo:

— Não pode ser! Esta condenação não é para os meus nervos. Revolto-me, ergo a crista e zás!... o pobre do meu possuidor, terá infalivelmente de se servir de mim...

E, embora não acrediteis, presados leitores, o certo porém é que, a revolta da pena, teve o condão de me enfurecer e, por partida, zás!... pego nela para vos escrever quinzenalmente os meus artigos sensaborões, sem sal e sem vinagre, desta terra das tripas, que sem vinho nem de graça (louvado Deus!), na «Ortiga» das minhas respeitáveis aplicações, a quando constipado, nas magríssimas e escaveiradas barrigas das minhas pernas.

Esperando, leitores amigos, desculpeis a lacónica missiva que vos envio a título de apresentação deste raro especimen, (não cavalgar, nem bovino e nem tam pouco suíno, mas sim humano), sou de vós, até à próxima quinzena,

ELISIO GONÇALVES.

Porto, Novembro de 1925.

Bem-aventurados

Aquêles *bem-aventurados* que tem no nome um sobrenome bastante *áspero*, e a quem, não sabemos porquê, «A Ortiga» parece ter *picado*, lembramos a *alta conveniência* de ponderar melhor e ser mais coerente nos seus despropósitos a respeito deste jornal. (Como talvez o nosso amigo não conheça o significado de «ponderação» e «coerência», recomendamos-lhe a consulta ao *paisinho* de todos aquêles a quem está prometido o «reino dos céus»...) E isto, para nos dispensarmos de lhe contar por *meídos* aquela anedota de certo general que apostara com um inferior seu em como este, abrindo os *queixos* para falar, era capaz de logo dizer três asneiras seguidas...

Purgantes...

Reparos, Ditos, Expressões:

— Houve um fulano que, ao ler a carta publicada na última página do 1.º número de «A Ortiga», ficou tam furioso, que por pouco lhe não deu um ataque de estupidez. — O' filhinho, não era motivo para tanto!... Aquilo, é... é *fantasia*...

— O Sousa (off-side) disse que encomendou uma pelica com o insignificante pêso de 12 quilos... Caspitê!... O' que grande palão!...

— O pintor dos anúncios fantásticos do *paredão* foi copiar a dentadura que nos mesmos se vê pela queixada do jumento com que Sansão pôs a *cavar* os mil filisteus.

— Um indivíduo do Cano recebeu há tempos quatro pacotes com 2000 frascos de Basófia, os quais vende ao público em geral por preços reduzi-díssimos. — Vamos pedir-lhe para nos ceder um pacote.

— Chegou à redacção da «Ortiga» um jornal devolvido que cheirava ao bacalhau podre, que tresandava... Cativa!... Esse mercieiro, com certeza, faz do estômago dos fregueses uma autêntica... *caçinha*.

— Qualquer dia um «papo-sêco», de tanto fitar certa janela, fica com os olhos colados às vidraças; e outro, pelo mesmo motivo, fica transformado em *lampião da esquina*, *alumeia cá pra baixo*... — E' pena!... E' pena... O' dianho, que me enganei!...

— Pelo largo da Misericórdia passou dúzia e meia de terremotos, e puseram o velho *restaurante* em *strêco*.

— O eléctrico n.º 5014, quando subia a avenida da estrada de Fafe, escorregou numa tona de nabo; vindo a recuar ó pra trás, foi esbarrar-se contra a estátua de Gil Vicente, que ficou muito danificada.

— Uma mosca vareira teve seu triste fim às mãos assassinas de um careca.

— No passado domingo, no campo da Perdiz, houve criaturas que até secaram a língua a contar os «goals» encaixados nas redes dos Condestáveis portuenses. — E nem admira! Eles foram tantos! Quasi duas dúzias!... Até parecia que estavam a fazer caçada dos parceiros... E o mais bonito é que, para ver aquela *sujeira*, custava cada peão 2.500.

— O Cajato acaba de receber um grande carregamento de chanquitos, último modelo saído das forjas de Vulcano, para presentear todos aqueles que disserem mal da «Ortiga».

— Qualquer dia uma velhota dá a luz... um espirro.

— A febre do «foot-ball», grassando pelas ruas da cidade, não se compadece do respeitável frontispício do infeliz transeunte.

DOUTOR ORTIGÃO.



*Pac'ência, senhor Carvalho!
O que saiu, aí está;
cá em casa melhor não há.*

*O amigo Domingos Dantas
deu-se ao pequeno trabalho
de andar a pau... e às tantas...*

*Se alguma falta notar,
peço desculpa ao amigo.
Mas (pra nós, e a conversar),
falta-lhe... uma ceira de figo!...
E o... guarda-sol elegante,
para o tornar mais galante.*

AGROVERDE.

Do Cinema

Vimaranes-Cine.

Agradaram plenamente os espectáculos realizados nos dias 22 e 23, e em que tomou parte o eminente artista Cabalero Castillo, com a exhibição da sua hilariante Companhia, composta de 25 bonecos articulados.

Nota à margem: — No primeiro destes espectáculos um dos bonecos, trabalhando sob a direcção daquêle artista, saiu-se com um dito inofensivo e muito interessante, a respeito do Quintino, que foi recebido agradavelmente.

O que nunca julgamos é que o Quintino, por quem temos muita consideração e estima, descesse tanto, até ao ponto de ir insultar o distinto ventríloquo; o que lhe poderia ter custado um pouquinho caro, se não fôra a intervenção oportuna do Sr. Joaquim Altaba, secretário do artista.

Até parece «anscrível», ó Quintino!

Hoje e amanhã, espectáculos cinematográficos, em que se exhibirão, entre outros films, os últimos episódios das **Tragédias de Amor**, e cine-dramas de aventuras, em 6 partes, por Luciano Albertini e Richard Talmadg.

Chantecler.

Neste salão, exhibe-se hoje, entre outros, o grandioso cine-drama, em 7 partes, **Tirano e Mártir**, por António Moreno.

Desporto.

Atlético Sport Club.

A convite do grupo do Club dos Caçadores das Taipas, foi ali jogar, no passado domingo, o do Atlético Sport Club, desta cidade, que saiu victorioso do desafio por 5-2.

Ora, ao que nos consta, os jogadores vencidos e alguns habitantes daquela povoação receberam de má catadura a vitória do grupo vimaranense; e daí o desforrarem-se da derrota sofrida, correndo os visitantes à navalha e à pedrada.

Indignando-nos êste gesto, só próprio de canalha e não de criaturas que se prezam, mais ainda nos indignou o sabermos que os agressores foram, em parte, auxiliados por quem só devia e só tinha o direito de intervir conciliatória e ordeiramente.

Abstemo-nos de mais comentários, mas todavia chamamos a atenção dos clubs desportivos para o que se passou nas Taipas.

Com selvagens não se pode jogar.

Vitória Sport Club.

Resultados de domingo, 22:

No encontro com os Condestáveis, vence por 18-2.

Em Braga, no campeonato infantil (eliminatórias), vence por 2-1.

Em Fafe.

No passado domingo deslocou-se a Cabeceiras de Basto o «União Sport Club de Fafe» para jogar com o Sport Club Cabeceirense, ficando vencedor o primeiro por 2-0.

Hoje, realiza-se a inauguração do campo desportivo, desta vila, para o que haverá dois desafios de foot-ball.

A's 13 horas:

União Desportivo Celoricense contra o Foot-Ball Club de Fafe, em que será disputado um magnífico bronze pertencente ao último grupo.

A's 15 horas:

Sporting Club de Braga, campeão distrital, contra Vitória Sport Club, de Guimarães.

A inauguração será abrilhantada pela magnífica Banda de Revelhe.

Eclipses eléctricos.

Na passada terça-feira, às 18 horas menos um quarto, desapareceu a luz eléctrica nas casas e oficinas dos pobres mortais que não estão na graça do *deus*, e que são servidos pela energia especial dos particulares que funcionam na zona que atravessa a rua de Santo António.

Cerca das 15,30 dois relâmpagos anunciaram que estava lá e que dentro de pouco vinha por cá. Mas, afinal de contas, quer-nos parecer que não voltou, ou voltou tarde, obrigando os consumidores, aquêles que para isso estavam preparados, ao *grizot* da *Shell* ou da *Sun Flower*, que é melhor.

Sexta-feira, às 19 menos 5', lá voltou a desaparecer a malfadada, para só voltar cerca das 21 horas.

Quem se responsabilizará pelos prejuizos que semelhantes eclipses ocasionam a todos que gastam a luz por avanço, e principalmente aos industriais que tiverem de suspender a laboração das suas oficinas? Com vista ao vereador do pelouro.

Cartas a uma Mulher

II

Maria Alcina:

Continuo hoje nas minhas considerações que Você provocou, não sei se propositadamente, num momento bem infeliz para si, pois não costumo ligar importância a pequeninos nada. Mas este caso é para mim, é para todos os homens que pensam como eu, mais importante do que a primeira vista parece, porque o que Você disse, e ainda diz, é de molde a torná-la indigna de afectos e de carinhos estranhos, julgando-os capazes só de um fim: — a conquista do seu dinheiro, que lhe dá importância e nenhuma simpatia. Não pense que são os seus haveres que hão-de fazê-la feliz, amanhã, quando o destino a fizer Espósa, não! A felicidade do dinheiro é passageira: é como o fumo azulado do meu cigarro que agora mesmo se desfaz como hão-de desfazer-se todos os seus sonhos de grandeza... O dinheiro, quando muito, serve apenas os interesses materiais; nunca satisfaz as ambições íntimas, será jámais capaz de arrancar das almas um amor puro, sagrado...

Infelizmente, há quem se venda! Mas essas Mulheres que se vendem, melhor, que trocam o corpo e as suas belezas, por um punhado de notas do Banco, são as mais abjectas, porque não pensam nos filhos e no lar, só para esperar a ocasião próxima de se vender novamente ao primeiro D. Quixote que apareça! E' isto uma Mulher?! Ah! não! E' lama... e lama que é um perigo social para quem não tem sentimentos e se não deixa arrastar no turbilhão das humanas paixões miseráveis.

Que seria de si, Maria Alcina, se amanhã o homem que a desposasse, passado um ano, dois e mais, a abandonasse depois de a explorar, deixando-lhe nos braços um filho?! Que seriam, pois, dos seus affectos, daquêl amor com que se lhe entregou?!... Deu-lhe o dinheiro a felicidade que sonhava? Por quem é, Maria, não pense assim. Quasi sempre a Mulher encontra uma casca de laranja... e não seria Você a primeira.

Desculpe, mas tem de ser assim com

toda a rudeza da minha maneira de vêr. — JORGE DE AZURÉM.

P. S. — Há muitas Marias na terra. Uma são Marias da Glória, outras de Lourdes, ou da Conceição e, outras, ainda Marias do Rosário, etc. Como houve uma Maria Alcina que se abespinhou, sempre lhe direi que o assunto não a deve interessar, porque não tenho a honra de a conhecer, para que lhe ligue importância. Tenho dito.

J. A.

No Lar

Boas noites, disseram-me, e eu fiquei sentado ao pé do lume crepitante! Fez-se silêncio em torno num instante, e eu li sófregamente o que não sei!...

Depois, fechando o livro meditei nessa ventura efêmera inconstante, que se ausentara e longe, e tam distante, acenava por mim, à voz da Grei!

Assim, quedei-me absorto e pensativo fitando o vago intermínio onde vivo dès que a tristeza, um dia, entrou meu lar!

E fui andando, andando mundo fora... Apagara-se o lume, e vinha a aurora quando voltei a mim, a despontar!

A. B.

Os olhos do meu amor são dois lagos de carinhos onde vão matar a sede os meus olhos — pobrezinhas!...

Olhos negros, negros olhos, olhos negros são os teus: floresta negra, sem fim, onde se perdem os meus.

Atirei à rebatinha com beijos de bem-querer: foram todos, os brejeiros, os teus lábios escolher.

Raparigas de olhos belos, vinde com os meus brincar: vós tendes fogo nos olhos, quero ver os meus cegar.

S. D.

Sonhos...

(ao Bernardino F. Martins)

Sonhei um alto palácio encantado, onde eu vivia com minhas amantes. Passava as noites em festins brilhantes gozando o corpo até ficar cansado.

Tinha jardins com repuxas doirados, rosas de muitas cores, luxuriantes... Por entre os mirtos, lembrando as bacantes, davam-se aos beijos, longos, embriagados.

Um dia vi que tudo me fugia! Acabado, e sem forças, já me via, apenas tendo um cão por companheiro.

Pensei então na minha solidão: disparo um tiro sobre o coração... acordando... agarrado ao travesseiro!...

DOMINGOS RIBEIRO.

: Livro-de-Horas :

II

Retrato de alma

A fotografia que um dia me oferecera, minha ignorada Ausente, perdi-a, não sei onde... E não sei onde a perdi, porque não tendo eu escaninho ou album próprio onde a collocasse, a trazia comigo, sempre, aqui, num bolso-de-peito, do coração mais pertinho... Não que precisasse, para de Ti me lembrar, contemplá-la a cada momento: a tua Imagem, trago-a eu ainda e sempre bem melhor impressa no olhar, este meu olhar sem a expressão da côr, que perdeu no ansiado vigiliar de tanta hora amarga!...

Trazia-a comigo, sempre... E perdi-a... Penaliza-me imenso: tinha escrita por tua mão uma dedicatória singela, tam singela, mas tam significativa da doce affectação ingénua tua, da tua ingénua graça!...

Mãos ciosas de acaso a encontrardes, guardai-a, como guardardes precioso tesouro, longe de alheias vistas cubicosas!... Eu velo a Imagem... Perdi a fotografia... Mas ficou-me o retrato, o autêntico, o único completo de revelação, e a que nada, nem a Tempo, alterará a vivacidade das tintas, o colorido forte que a minha alma lhe dera, no alto-relevo da gravura...

¿ Onde estarás agora, minha Sombra alada, ó minha ignorada Ausente!? ¿ Em que lugar do mundo florirão agora teus cândidos sorrisos!? Morta!? Viva!? Diz-me o coração, este feiticeiro coração meu, que Tu vives ainda... E presagia, saúdoso, vir a deparar-te um dia, caminho desta nossa aldeia querida, a que fraco me acolho, evocadoramente aclamando-te: — Rainha e Mendiga! Mendiga do Sentimento que, em vez de pedir, tudo davas para nada ter; Rainha da Brancura, na pureza suma de tua branca alminha!...

E terás então por trono o carinhoso repouso de meus braços, para Ti sempre abertos numa esperançosa aleluia eterna!...

Naquêl crepúsculo de Saúde.

ALBERTO DE MACEDO.